DOCUMENT RESUME

ED 342 233 FL 020 020

AUTHOR Megenney, William W.
TITLE Prolegomenos a um estudo da lingua brasileira nos terreiros de origem africana (Prolegomena to a Study of the Brazilian Language of the Voodoo Rites of African Origin).
PUB DATE Aug 91
NOTE 12p.; Paper presented at the Annual Meeting of the American Association of Teachers of Spanish and Portuguese (Chicago, IL, August 8-11, 1991).
PUB TYPE Reports - Research/Technical (143) -- Speeches/Conference Papers (150)
LANGUAGE Portuguese

EDRS PRICE MF01/PC01 Plus Postage.
DESCRIPTORS Bantu Languages; *Diachronic Linguistics; Foreign Countries; Language Typology; Linguistic Borrowing; Portuguese; Uncommonly Taught Languages; *Vocabulary; Yoruba
IDENTIFIERS Africa; *Brazil; *Voodoo

ABSTRACT

Determination of the authenticity of lexical items with Sub-Saharan origin in the voodoo rites of candomble and umbanda in Brazil requires establishing a socio-historical basis for the African diaspora and the current configuration of terreiros. The terreiros demonstrate varying linguistic repertoires according to their affiliation with candomble or umbanda. The terreiros may be of three types 1) yoruban (Nago) in Bahia and Recife; 2) Fon in Sao Luis; and 3) Bantu in the oldest layers of umbanda, the caboclo candombles of Bahia, and the Northeastern cantimbo, the latter being the least apparent. Umbanda has lost a greater amount of Sub-Saharan traditions and contains more Bantu elements, although they appear less frequently since they are in the oldest layers of umbanda. The task of determining the African origins of linguistic data is complicated by pragmatic factors such as the existence of phonological correspondence without accompanying semantic correspondence, the difficulty of determining the meaning of a word in a given text and of tracing which Sub-Saharan language influenced which terreiro, and the scarcity of dictionaries and grammars of Sub-Saharan languages brought to Brazil by the slaves. (SR)

****
* Reproductions supplied by EDRS are the best that can be made *
* from the original document. *
****

ED342233

Palestra para a reunião da AATSP, em Chicago; agosto 8-11, 1991.

Prolegômenos a um estudo da língua brasileira nos terreiros de origem africana

Antes de mais nada, será necessário falar um pouco sobre o problema da autenticidade dos elementos lingüísticos dentro dos cultos religiosos dos terreiros brasileiros com respeito ao poder universal de definir o certo e o errado desta face da diáspora africana. Ao mesmo tempo, deve-se fazer uma confirmação ou espécie de ordenação de terreiros desta diáspora, com suficientes alicerces na filogenia subsahariana, para poder estabelecer certos padrões sócio-históricos da formação e composição tribais ou "nacionais" destes terreiros fundados no Novo Mundo. Isto é importante não só como veículo para resolver o problema da pre-existência de uma ortodoxia africana, refratária às influências do catolicismo ou mesmo de qualquer outra forma religiosa (cf. Motta, MS, 1991), mas também para saber até que ponto houve no Brasil alopatria lingüística, isto é, a falta da mistura de línguas bantos e sudânicas, ou a falta de misturas de línguas africanas dentro de cada uma destas famílias nos distintos terreiros. Baseando-se nesta informação, a tarefa do descobrimento e da identificação das origens das palavras não portuguêsas nem indígenas dever-se-á tornar mais fácil pelo fato de não depender somente da informação de tipo filológico.

Ao contrário do que pensam muitos sobre a grande influência da cultura yoruba nos terreiros (sobretudo na Bahia), é interessante observar que, o pai-de-santo Euclides Ferreira, líder da Casa de Fânti-Ashânti em São Luis, já disse que ele é "guia supremo ... de sua própria vertente da memória africana no Brasil." (Motta 1988:32-3). Também diz que esta casa

FL020020

U.S. DEPARTMENT OF EDUCATION
Office of Educational Research and Improvement
EDUCATIONAL RESOURCES INFORMATION CENTER (ERIC)
☒ This document has been reproduced as received from the person or organization originating it.
☐ Minor changes have been made to improve reproduction quality.
• Points of view or opinions stated in this document do not necessarily represent official OERI position or policy.

"PERMISSION TO REPRODUCE THIS MATERIAL HAS BEEN GRANTED BY
McKenney
William
TO THE EDUCATIONAL RESOURCES INFORMATION CENTER (ERIC)."

BEST COPY AVAILABLE

remonta a fins do século XVIII e que foi fundada por uma irmã carnal de Iá Nassô, provável fundadora do Engenho Velho de Salvador. Euclides Ferreira forma parte de um grupo de "guardiões da memória afro-brasileira e afro-indo-brasileira-- grupo que, aliás, serviria muito ao investigador lingüístico se fosse autêntica esta memória em questões de cânticos nas línguas originais africanas assim como também em assuntos de religião, crenças e panteões de orixás.[1] Infelizmente, a tese memorialista é um mito do qual ninguém pode confiar. Além disso, hoje em dia é bem sabido que os candomblés, xangôs, umbandas, etc., baséiam a sua teologia nos estudos antropológicos. Diz Roberto Motta o seguinte ao respeito (Motta 1976:62): "Processo simbiótico entre pais ou mães-de-santo e pesquisadores (que) parece ser extremamente comum na etnografia do Candomblé e do Xangô. Estabelece-se um acordo tácito pelo qual a informação é trocada pelos certificados de ortodoxia implícitos nas obras de numerosos pesquisadores." Esta troca de informação teológica muito facilmente teria-se transbordado para o corpo lingüístico de forma nociva para o mesmo pesquisador que quer descobrir raízes legítimas nos rituais cantados e falados dos terreiros. Sendo certo isto, as questões de como, por exemplo, a "pureza nagô" ou a "pureza gêge", adquirem novas dimensões na luz de possíveis influências exteriores frente às teorias da conservação de construções lingüísticas que remontam aos dias do tráfico de escravos. Naturalmente, isto traz consigo o problema da impressão que os membros dos cultos queiram fazer sobre os investigadores no processo de fabricar, formular e reformular toda a gama de componentes étnico-sociais, incluíndo a língua empregada nas cerimônias. A informação recebida, então, estaria eivada de fraude, havendo adquirido sua existência através de dados ecumênicos recebidos nas últimas dêcadas dos livros e panfletos disponíveis aos iniciados por meio dos pais e mães de

santo. Isto talvez explique a aparente coesão entre os terreiros de candomblé e de xangô (de umbanda também?) com respeito ao caráter geral das cerimônias, crenças, panteões de orixás e mesmo cânticos e saudações que se encontram nas casas espalhadas pelo país. Não obstante isto, é possível que o mesmo resultado ter-se-ia dado no Brasil em geral por causa da adaptatividade e o ecleticismo das tribos da Africa Ocidental com relação aos deuses extra-tribais (cf. Warren Jr. 1970:157). A configuração atual dos terreiros poderia ser, então, resultado ou do sincretismo moderno gerado e prolificado pelos investigadores de campo ou dum sincretismo "original" baseado nos costumes religiosos dos africanos *sui generis*. A importância de tudo isto para o nosso estudo se fundamenta na diferença entre os vocábulos dos diferentes terreiros terem sua origem endógena às forças etiológicas da gente sub-sahariana ou a terem imposta pelos vetores dos acadêmicos profissionais já discutidos aqui. Poderia-se, por tanto, falar, na primeira instância, de uma cena de "pureza" no sentido sócio-antropológico. A memória, então, do informante iniciado, seria válida dentro de um contexto histórico-lingüístico, havendo-se realizado as misturas na Africa ou no Brasil, ou em ambas as partes, mas de maneira pragmática baseada nos costumes inveterados dos africanos e não sendo resultado de uma espécie de endoculturação com o propósito de produzir êmulos europeus (cf. Verger 1982:8).

Dentro desse marco, é importante também o fato de os terreiros terem repertórios lingüísticos distintos segundo a sua composição de candomblé ou de umbanda, aquele com mais uso das línguas africanas e este com menos, sendo o português a língua dominante aqui. Mesmo assim, num outro estudo feito para a publicação na revista *Anthropos* (Megenney 1989:363-83), encontrei numa amostra de 10 cânticos do condomblé e da umbanda no Brasil, 200 morfemas

de possível origem sub-sahariana, 142 nos candomblés e 58 nas umbandas. Nisto, houve 86 raízes de possível origem sudânica e 56 de possível origem banto nos candomblés, frente a 26 de possível origem banto e 32 de possível origem sudânica nas umbandas. Pode haver duas razões principais para este fenômeno:

1) a chamada re-europeização ou romanização do Catolicismo brasileiro durante o século XIX (Motta 1976:64-5). Tal processo trouxe consigo a separação da "religião oficial da religião do povo, "ocasionando a formação e a permanência a longo prazo de estruturas eclesiásticas próprias ao Candomblé e ao Xangô. Os centros bantus, com um tipo de sincretismo que em seus grandes rasgos é anterior a esse movimento, possuem estruturas eclesiásticas correspondentemente mais fracas. Paradoxalmente a fraqueza transforma-se em força, pois sua menor rigidez faz com que sejam mais capazes de assimilar mudanças e reinterpretações ligadas à infra-estrutura cultural da sociedade global brasileira, ainda mais recentes do que as que conduziram ao aparecimento dos organizacionalmente fortes -- fortes demais, talvez, para a sua sobrevivência a prazo mais longo -- terreiros nagôs 'tradicionais'." (Motta 1976:64-5) Vistos assim, então, os centros bantos ficavam mais abertos às mudanças de tipo sócio-cultural, e quem diz isto, diz lingüístico também.

2) a segunda razão está ligada com a abundância de elementos yorubanos no candomblé e no xangô frente à mistura mais aparente nas outras classes de terreiros. O uso do yoruba nos terreiros destas duas denominações tem cabida lógica dado o influxo numeroso no Brasil de escravos nigerianos durante o século XIX, produzindo desse jeito um período temporal relativamente curto dentro do qual o uso desta língua africana não diminuiu muito nos candomblés e nos xangôs. O mistério (se se pode chamar assim) do

"desaparecimento" das línguas sub-saharianas nos terreiros da umbanda seguramente tem a ver com a idade mais velha da umbanda no Brasil, onde o uso das línguas bantos era a norma, e por tanto foi substituido pelo português e, ao mesmo tempo, provavelmente começando no século passado, influenciado pela língua yorubana, dada a sua importância nos círculos afro-brasileiros.

Além do mais, o fato de encontrar-mos o que parecem ser morfemas não só do yoruba mas também do ewe (gêge)-fom, em números relativamente altos, sugere a possibilidade de existir nos centros de candomblé e de xangô um armazém ativo de formas ewe-fom, prontas a se descobrirem. Tal fato reconhecido aqui forma parte de um complexo sócio-histórico o resultado do qual é o aparecimento do que poderiamos classificar como as principais categorias do culto afrobrasileiro: o candomblé-xangô, a umbanda, o catimbó, o omolocô, e talvez a macumba (embora isto seja diferente). Dentro desta taxonomia, as diferentes misturas de crenças africanas, cristãs, indígenas, e até budistas[2], parece não se limitar a um processo fortuito dum encontro das tres "raças", mas representar um padrão, ou talvez uma série de padrões, de estruturação lógica que permite um certo pronóstico de presenças e ausências dos vários componentes religiosos, raciais, e lingüísticos dentro do complexo do culto. Dentro desse conjunto ou dessa armação, os terreiros são basicamente de tres tipos: 1) yoruba (nagô) na Bahia e no Recife, 2) fom em São Luis, e 3) banto nas camadas mais velhas da umbanda e mesmo nos candomblés de caboclo da Bahia e no catimbó do nordeste oriental, sendo este terceiro o menos visível dos tres. Além do mais, é interessante observar que é o nagô o linguajar que se espalhou como uma espécie de "língua geral" entre os terreiros de influência banto, mesmo como nos do candomblé.

Conscientes destes fatos histórico-culturais, convém buscar nos

dicionários de língua yorubana as origens de algumas das palavras usadas nos centros religiosos, mas sempre com a advertência de não esperar que sejam vocábulos originais do *continuum* histórico-étnico existentes ahi desde a fundação dos terreiros, com caráter prístino, endógeno à gênese destes cultos híbridos afro-brasileiros. Todavia, frente ao padrão geral da influência dos nagôs nestes círculos eccêntricos (por não terem o mesmo centro, i.e., a mesma gama de crenças, etc.) e excurrentes (por sua natureza envolvente que vai adquirindo fiéis novos, famintos de apóio espiritual), é necessário dizer que não há no Brasil a alopatria religiosa nem lingüística, como não houve também a alopatria étnica. Parece haver, pelo contrário, um mercado religioso nacional que inclui todo tipo de equipamento, enfeite, e credo misturados ortogonalmente mas não ao nível atômico, senão muito mais amplamente, ao nível da coligação em que as verbas se juntam (fortuitamente?) segundo certos padrões identificáveis. O resultado disto poderia ser chamado "contaminação" (cf. Motta 1988), mas o problema é que há, na realidade, muitas "contaminações", as que têm as suas raízes na Africa, e as que têm as origens na América. Qual seria, então, a verdadeira "contaminação"? Pode-se considerar as misturas ocorridas na Africa segundo este apelativo? Como classificar, então, as mesclas formadas no Brasil? E além de tudo isto, de mais importância para nós neste estudo, quais eram as línguas que se misturaram na Africa e quais as que juntaram-se no Brasil?

Baseadas as nossas teorias no material apresentado aqui, surge em forma de pergunta a questão da permanência dos componentes africanos nos cânticos espirituais-- se acusam a determinação da parte dos descendentes dos escravos africanos de manter a sua herança como axioma télico, mesmo em face a todos os obstáculos decorrentes da escravidão e, num tempo mais atual,

em face à "deconstrução" dos centros religiosos por causa da infiltração da religião católica, se é certo que existe. É esta a razão da falta de morfemas africanos na umbanda frente à relativa abundância deles no candomblé e no xangô ou é mais bem simplesmente o produto dos eventos históricos já discutidos em que as línguas bantos da umbanda sumiram em favor à língua dominante do povo, isto é, o português? Ao mesmo tempo, será certo que a existência ubíqua em todos os centros de componentes nagô-gêges reflete uma rejeição do catolicismo concebido como religião do branco? Se isto fosse verdade, não haveria nenhuma, ou muito pouca "pureza original", isto é, misturas transportadas da Africa nas bocas dos escravos e implantadas nos centros americanos sem fecundação cruzada depois do estabelecimento dos mesmos. O desenvolvimento sintético do sincretismo torna-se logo importante para chegar à clarificação hermenéutica da estrutura somática presente na parassíntese patente.

Segundo os fatos históricos e o amálgama de morfemas de muitas línguas sub-saharianas diferentes presentes no material estudado, a nossa conclusão tem que incluir mudanças lingüísticas antes e depois da chegada dos escravos ao Novo Mundo: antes, porque cada barco negreiro transportava escravos de muitas "nações diferentes, que foi o resultado das expedições escravocratas ao mato interior e das compras nos mercados de escravos (feitorias) pelo litoral, sendo estes últimos os lugares onde os reis tribais vendiam os prisioneiros de guerra e, às vêzes, os mesmos cidadãos dos povoados; e depois, por causa da já discutida "contaminação" nos centros, a que alguns estudosos vêem como resultado duma imposição ideológica dos mesmos intelectuais e causante das ligações existentes entre muitos terreiros. O grande incógnito, então, é a relação entre as misturas feitas do lado africano e os elos coagulados na terra brasileira. Complica-se ainda mais

desta forma o cenário problemático da identificação do léxico sub-sahariano.

Outras facetas da tarefa de localizar origens de nações africanas dentro do linguajar dos terreiros parecem ser de natureza mais pragmática, sem chegar a ser perfunctórias, mas muito na veia etiológica da epistemia no sentido de lograr em alguns casos a certeza do descobrimento, enquanto em outros casos, não há senão a dúvida ou a probabilidade de ter encontrado a verdadeira origem do morfema ou da expressão. Logo a seguir, mais cinco destas áreas problemáticas:

1) falta de correspondência semântica embora haja a fonológica entre as palavras do cântico ou da recitação encontrados nos centros religiosos no Brasil e as palavras sub-saharianas descobertas nos dicionários ou de entrevistas com informantes africanos.

2) falta de informação semântica do vocábulo suspeitoso no texto estudado, o que produz a independência total no contexto para chegar a uma conclusão tentativa sobre a semasiologia.

3) nem sempre é possível conseguir todos os dicionários e/ou gramáticas das línguas sub-saharianas que foram levadas ao Brasil na boca dos escravos e, concomitantemente, nem sempre é claro quais dessas línguas são empregadas nos terreiros.

4) falta de informação sobre a distribuição dos cânticos entre os diferentes terreiros-- informação que muitas vêzes ajuda na identificação de nações africanas celebradas em determinados centros.

5) finalmente, o problema do reconhecimento de estilos musicais em cada terreiro, o que serviria de guia para o descobrimento das origens, da antigüidade, ou de algum motivo condutor de muitos dos cânticos encontrados nos repertórios religiosos.

Não obstante os obstáculos apresentados aqui, é o nosso desejo adquirir

suficiente traquejo para produzir estudos úberes neste campo antropológico/ lingüístico e assim contribuir empiricamente ao entendimento da existência e da estrutura parassintética dos sincretismos presentes diacrônicamente e sincrônicamente nestes terreiros tão fascinantes.

Bibliografia de Obras Citadas

Megenney, William W. 1989. "Sudanic/Bantu/Portuguese Syncretism in Selected Chants from Brazilian Umbanda and Candomblé". *Anthropos*. 84:363-83.

Motta, Roberto. 1991. "Notas sobre o Sincretismo Afro-Brasileiro". manuscrito.

Motta, Roberto. 1988. "A eclesificação dos cultos afro-brasileiros". *Comunicações do ISER*. Ano 7, Nº. 30: 31-43.

Motta, Roberto. 1976. "Carneiro, Ruth Landes e os Candomblés Bantus. *Revista do Arquivo Público (Recife)*. Vol. 30, 32: 56-68.

Verger, Pierre. 1982. "Etnografia Religiosa Ioruba e Probidade Científica". *Religião e Sociedade*. 8. Rio de Janeiro: 3-10.

Warren Jr., Donald. 1970. "Notes on the Historical Origins of Umbanda". *Universitas*. Universidade da Bahia, nos. 6/7: 155-64.

Notas Correspondentes aos *Prolegômenos* ...

1. Autores famosos como Arthur Ramos e Édison Carneiro há 50 ou 60 anos ajudaram a formular uma tese da memória que supunha ser autêntica, pura e ortodoxa e que correspondia a um inconsciente coletivo negro, obviamente muito filosófico nas suas bases.

2. Em comunicação pessoal, Roberto Motta, da Fundação Joaquim Nabuco, me facilitou esta informação sobre a existência de elementos budistas em vários terreiros do Recife, onde o chamado "Rei dos Budas" é considerado deidade menor.